

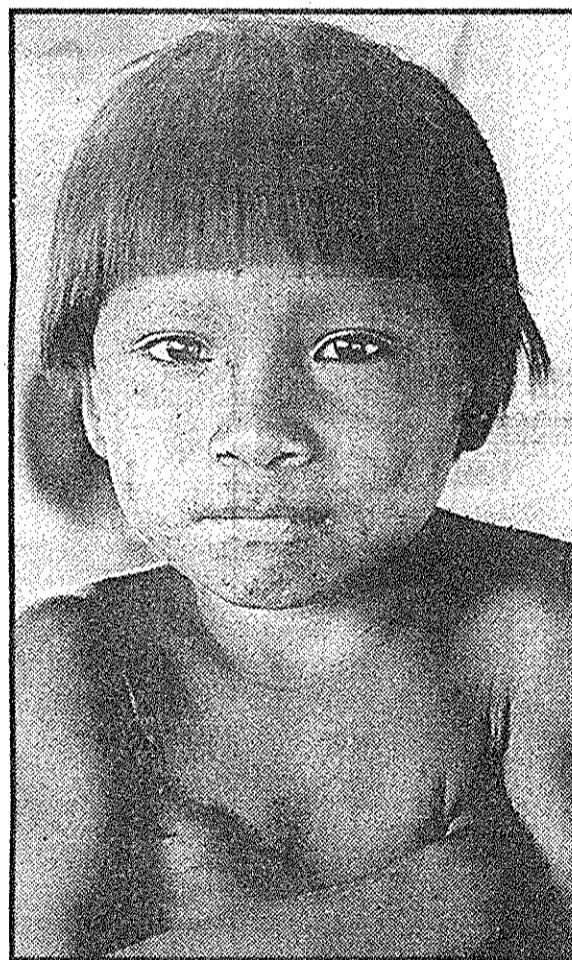
A volta dos índios gigantes

B



Reproduções

A família que descansa na selva, o primeiro contato com um avião e o olhar expressivo de uma criança são alguns dos registros de Pedro Martinelli incluídos no livro *Panará, a volta dos índios gigantes*



Lançamento de livro, mostra de fotos, mesa-redonda e vídeo em São Paulo festejam o retorno da tribo Panará às suas terras, no norte do Mato Grosso, após 20 anos de exílio

ELIANA LUCENA

Em 1973, época em que o governo comemorava os primeiros resultados do Programa de Integração da Amazônia, com a abertura de estradas no meio da selva, os índios Panará começaram a viver um drama que quase os levou à extinção. Preocupados em impedir que as máquinas das empreiteiras que abriam a rodovia Cuiabá-Santarém chegassem antes da Funai aos índios isolados, os sertanistas Cláudio e Orlando Villas Boas fizeram o primeiro contato com os Panará, ou índios gigantes, como eram chamados pelos inimigos Caiapós. Em dois anos, dois terços do grupo haviam sucumbido às doenças dos brancos. Três anos depois, os Panará foram transferidos para o Parque do Xingu. No ano passado, após mais de 20 anos de exílio, os índios finalmente conseguiram que a Funai os levasse de volta às suas terras, na região do Rio Iriri, Norte de Mato Grosso. Eles mesmos identificaram uma faixa de floresta ainda preservada da devastação por garimpeiros e madeireiras.

A tragédia e a volta por cima do grupo foram reconstituídas no livro *Panará, a volta dos índios gigantes*, com ensaio fotográfico de Pedro Martinelli e texto dos jornalistas Ricardo Arnt, Lúcio Flávio Pinto e Raimundo Pinto. O livro será lançado no dia 6, às 18h30, no teatro do Sesc Pompéia, em São Paulo (Rua Clélia, 93), junto a várias comemorações do Dia do Índio. Na mesma noite se realizará a exposição fotográfica *Kranhacãvove-Panará*, com imagens de Martinelli, a mesa-redonda *Testemunhos da história dos Panará* e a projeção do vídeo-documentário *O Brasil grande*

e os índios gigantes, dirigido por Aurélio Michilès. No dia seguinte, às 21h, os índios Panará participam de concerto sobre sua própria música no mesmo teatro, sob orientação de Marlui Miranda.

O livro, que tem 168 páginas, 99 fotos e foi coordenado pelo Instituto Socioambiental (ISA), resgata a situação de um dos poucos grupos indígenas que, na corrida para a Amazônia, tiveram a sua história amplamente documentada pela mídia, desde a montagem da expedição dos Villas Boas até o retorno à sua terra de origem. O ensaio fotográfico cobre os vários momentos da história desses índios, mostrando as expressões assustadas dos primeiros contatos com a expedição, a curiosidade pelas novidades levadas pelo branco, e, depois do quase desaparecimento da tribo, a volta ao seu habitat.

Demorou mais de um ano para que os índios se aproximassem do sertanista Cláudio Villas Boas, em 4 de fevereiro de 73. Engolidos pela floresta, os fotógrafos que acompanhavam o trabalho da expedição lançaram mão de alternativas precárias para que os filmes chegassem às redações dos jornais. No sistema chamado de "pega mensagem", usado pela Força Aérea, os filmes eram colocados dentro de um tubo suspenso sobre o rio por uma corda. Um avião monomotor, num vôo rasante, "pescava" a encomenda com um gancho. O contato foi precedido de muito suspense. Alguns índios Metutire que acompanhavam os Villas Boas na expedição chamavam os Panará de índios gigantes. Não era para menos. O índio Mangriri, por exemplo, que foi seqüestrado ainda criança pelo grupo, quando adulto alcançou 2,03 metros de altura.

Desde 67, Cláudio Villas Boas, que morreu no começo de março, tentava entrar em contato com os Panará. Os índios haviam sofrido ataques de

vastadores dos Caiapós. Além disso, uma tentativa de aproximação dos Panará, numa pista de pouso da base militar de Cachimbo, foi interpretada como ataque. Os índios foram afugentados com tiros e vôos rasantes de um avião C-47. A necessidade de retomar o contato foi levantada, junto com o sinal verde para a construção de uma rede rodoviária na Amazônia no final de 69. Após o levantamento feito pela Funai das tribos ainda isoladas que viviam ao longo das rotas previstas – havia 30 grupos nessa situação – os Villas Boas foram chamados para dirigir a expedição dos Panará.

Orlando e Cláudio vinham denunciando o drama de grupos indígenas que estavam sendo surpreendidos pelas empreiteiras. Em 1970, em carta dirigida ao ex-presidente da Funai, general Bandeira de Mello, os sertanistas alertavam que a rodovia Cuiabá-Santarém, pelo seu traçado, iria atingir a terra dos Panará. "Índios mal conhecidos, mas numerosos e em franco estado de guerra com tribos vizinhas". Pouco depois dessa carta, o próprio Parque do Xingu, mesmo sob o protesto dos Villas Boas, foi cortado pela rodovia BR-080, que deveria ligar Brasília a Manaus. A rodovia acabou paralisada em Cachimbo, já que para chegar a Manaus seria necessário atravessar centenas de quilômetros de alagados.

O contato, feito em janeiro de 73, não neutralizou os efeitos negativos da chegada do branco na terra dos Panará. Atraídos pelo movimento da estrada, os índios deixaram de plantar e começaram a ser dizimados por doenças. Cláudio Villas Boas já tinha se afastado da expedição, que passou a ser chefiada por Apoena Meirelles. Em dezembro de 73, pelo menos dez índios apareciam por dia na estrada e eram alimentados, festejados e até escondidos

pelos motoristas. Nessa ocasião, o indigenista Ezequias Heringer passou a alertar para os riscos de prostituição e da distribuição de álcool aos índios, que passaram a freqüentar os canteiros de obras e o posto do Exército montado na região. O indigenista também denunciou que o substituto de Apoena Meirelles, o sertanista Antônio Sousa Campinas, tinha introduzido o homossexualismo entre os Panará.

Os Villas Boas insistiam na demarcação de uma reserva para os índios. Em 76, com a tribo já reduzida em um terço, os Villas Boas conseguiram convencer a Funai a transferir os índios para o Parque do Xingu, atitude que foi criticada por vários indigenistas. Setenta e nove índios foram transportados em dois aviões Búfalo da FAB para o Parque do Xingu. Os índios, hoje, podem contar o medo que sentiram ao entrar no avião e, depois, serem recebidos pelos arquiinimigos Metutire no parque. O Xingu garantiu a sobrevivência do grupo, mas foram anos de quase impossível adaptação. Os Panará perderam a auto-estima, e só depois, quando foram transferidos para uma área mais isolada, recomeçaram a organizar seus aldeamentos. Em 1980, eram 84 pessoas, em 85 chegaram a 95 e em 92, a 135.

Mais estruturados, passaram a sonhar com a volta à sua terra. O líder Akê foi o principal articulador desse retorno. O sonho dos índios foi encampado pela Rain Forest International e pelo Núcleo de Direitos Indígenas. Em 96, o governo finalmente reconheceu a área indígena Paraná. Nesse meio tempo, os índios tinham plantado roças para receber o restante do grupo. Em março de 97, a tribo, finalmente, pôde se reunir de novo em Nacypotire, uma área perigosamente cercada por conflitos de terra.